

I Encontro Internacional

Memórias de Música: casas-museu no espaço ibérico

3, 4 e 5 de julho de 2025

MNSR | FLUP

PROGRAMA GERAL | PROGRAMA DETALHADO | RESUMOS



Comissão Organizadora

[Ana Cristina Sousa](#) (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto)

[Ana Ester Tavares](#) (CITCEM/FLUP-Universidade do Porto)

Anastasia Sazontieva (FLUP- Universidade do Porto)

[Javier Gándara-Feijóo](#) (iHUS-Universidade de Santiago de Compostela; CITCEM/FLUP-Universidade do Porto)

[Ricardo Vilares](#) (CITCEM/FLUP-Universidade do Porto)

[Sónia Duarte](#) (ARTIS-IHA/FLUL)

Comissão Científica

Alice Semedo (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto) | Álvaro Torrente (ICCMU-Universidad Complutense de Madrid) | Ana Cristina Sousa (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto) | Ana Liberal (CESEM/P.Porto-Instituto Politécnico do Porto) | Ana Paula Machado Santos (Museu Nacional Soares dos Reis) | Ángel Justo-Estebanz (CITIUS-Universidad de Sevilla) | Cristina Fernandes (INET-md/NOVA FCSH-Universidade Nova de Lisboa) | Helena Marinho (INET-md/Universidade de Aveiro) | Hugo Barreira (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto) | Javier Gándara-Feijóo (iHUS-Universidade de Santiago de Compostela) | Laura Touriñán-Morandeira (Instituto de Historia-CSIC) | Maria Leonor Botelho (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto) | Montserrat Capelán (iHUS-Universidade de Santiago de Compostela) | Pedro Sousa Silva (CESEM/NOVA FCSH-Universidade Nova de Lisboa; ESMAE/ /P.Porto-Instituto Politécnico do Porto; CESEM/IPP) | Sergio Camacho (The University of Nottingham) | Sónia Duarte (ARTIS-Instituto de História da Arte da FLUL; FLUP-Universidade do Porto) | Tiago Simas Freire (Universidade de Coimbra; Université de Lyon) | Vanda de Sá (CESEM/UE-Universidade de Évora)

Edição:

Ana Ester Tavares e Ricardo Vilares, 2025

Imagem da capa:

Trompe l'oeil com violino, livro de partituras e flauta (detalhe), C. N. Gysbrechts, SMK OPEN. Disponível em: <https://www.open.smk.dk/en/artwork/image/KMS1908>

Página web

<https://memoriasdemusica20.wixsite.com/memoriasdemusica/sobre>

Patrocínios:



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

ÍNDICE

Programa geral.....	1
Programa detalhado.....	2
Quinta-feira, 3 de julho de 2025.....	2
Sexta-feira, 4 de julho de 2025.....	5
Sábado, 5 de julho de 2025.....	7
Resumos e biografias.....	9

O I Encontro Internacional *Memórias de Música: casas-museu no espaço ibérico* decorrerá em diferentes locais da cidade do Porto, facto para o qual pedimos a vossa melhor atenção:

dia	local	atividades
3 de julho	09h30 Museu Nacional Soares dos Reis	<ul style="list-style-type: none"> • conferência inaugural • painéis • comunicações • comunicações-performance
	17h30 Faculdade de Letras da Universidade do Porto	<ul style="list-style-type: none"> • workshop de Dança (pré-inscrição)
4 de julho	10h00 Museu Nacional Soares dos Reis	<ul style="list-style-type: none"> • visita guiada (pré-inscrição) • painéis • conferência • comunicação-performance
	17h30 Mosteiro de Santa Clara	<ul style="list-style-type: none"> • visita guiada (pré-inscrição) • concerto comentado de órgão
5 de julho	09h15 Faculdade de Letras da Universidade do Porto	<ul style="list-style-type: none"> • conferência • painéis • comunicações

Quinta-feira, 3 de julho de 2025

Museu Nacional Soares dos Reis

9h30 Boas-vindas e registo

10h00

Abertura do Encontro

Professora Doutora Paula Pinto Costa (Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Doutor António Ponte (Diretor do Museu Nacional Soares dos Reis), Professora Doutora Inês Amorim (Coordenadora Geral do CITCEM) Professora Doutora Ana Cristina Sousa (FLUP-DCTP/CITCEM) e Professora Doutora Montserrat Capelán (Organistrum-USC)

10h15

Conferência inaugural

A primeira Casa Museu do Porto. Um Projeto Museológico intemporal

Keynote Ana Clara Silva (Câmara Municipal do Porto)

10h45 Debate

11h00 – Pausa para café

11h15

Mesa 1. A transição do século XIX para o XX

Moderação: Ana Cristina de Sousa (FLUP-DCTP/CITCEM - Universidade do Porto)

- *Requalificar com Fado: A Casa da Severa e a Reinvenção da Mouraria*
Maria Espírito Santo (INET-md/NOVA-FCSH)
- *Iconografía y ornamentación musical de la Casa Museo Amatller en Barcelona*
Omar Ricardo Guzmán Ralat (Cases Singulares/Laboratori de Patrimoni i Turisme Cultural-Universitat de Barcelona)
- *A devoção do colecionador: Beethoven na Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça*
Luzia Rocha (CESEM/NOVA-FCSH), Nuno Prates (CESEM/NOVA-FCSH)

12h15 Debate

12h30 – Almoço livre

14h30

Comunicação-performance

Espaços e Identidade da música portuguesa do século XVIII

Keynote Mafalda Nejmeddine (CESEM-UÉvora)

15h00 Debate

15h15

Mesa 2. Musealização no presente e no passado

Moderação: Ana Ester Tavares (CITCEM/FLUP)

– *Casas-Museu e Inclusão: Percursos Sensoriais e Musicais para a Acessibilidade Cultural*

Joana Monteiro (Instituto de Educação de Lisboa)

– *Do colecionismo amador à narrativa museológica: o processo de formação da coleção de instrumentos musicais de Alfredo Keil*

Joana Peliz (CESEM/NOVA-FCSH)

15h45 Debate

16h00

Comunicação-performance

Os salões musicais privados de Lisboa entre 1881 e 1928: memórias sonoras de uma cidade em transformação

Keynote Alejandro Reyes-Lucero (INET-md/NOVA-FCSH)

16h30 Debate

16h45 – Pausa para café | deslocação para a FLUP

Faculdade de Letras-Universidade do Porto, Bar dos Estudantes

17h30

Workshop de dança (pré-inscrição)

Contradanças do século XVIII - meio de convivialidade

Catarina Costa e Silva (Portingaloise – Associação Cultural e Artística; ESMAE-P.Porto, CECH-UC)

19h00 Encerramento

Sexta-feira, 4 de julho de 2025

Museu Nacional Soares dos Reis

10h00

Visita guiada (20 pessoas máx. – pré-inscrição)

A Sala de Música do Palácio dos Carrancas: espaço, aparato e sociabilização

Paula Oliveira (MNSR/MMP)

11h00 – Pausa para café

11h20

Mesa 3. Casas do Porto

Moderação: Sónia Duarte (ARTIS-IHA/FLUL)

– *Orpheon Portuense: história, impacto e herança para a música do Porto do século XX*

Ana Maria Liberal (ESMAE-CESEM/P.PORTO)

– *CMSC - Uma casa no mundo da música/ artes – Vivências e memórias*

Helena Costa Araújo (HCA, CIIE/FPCEUP)

– *Memórias de Música numa Casa de Artistas*

Henrique Gomes Araújo (CITAR/UCP)

– *Entre danças e folgado: representações de música na coleção da Casa-Museu Fernando de Castro*

Ana Anjos Mântua (MNSR/MMP) e Vera Gonçalves (ARTIS-IHA/FLUL)

12h40 Debate

13h00 – Almoço livre

14h30

Mesa 4. Documentação e casas-museu

Moderação: Javier Gándara Feijóo (iHUS-Universidade de Santiago de Compostela; CITCEM/FLUP)

– *Del archivo doméstico al archivo institucional: el Fondo Andrés Gaos*
Montserrat Capelán (Universidade de Santiago de Compostela)

- *La colección particular de la Casa Palacio Condesa de Lebrija (Sevilla) y las "Cinco sonatas para flauta travesera y bajo" de Luis Misón (1727-1766)*
Juan Miguel Illán Calado (Universidad Complutense de Madrid)
- *Nas estantes do tempo: Um manuscrito musical redescoberto no Museu Biblioteca Condes de Castro Guimarães*
Diana Santos (investigadora independente)

15h30 Debate

15h45 – Pausa para café

16h00

Comunicação-performance

Pedro Blanco y el romanticismo hispano luso

Raquel del Val Serrano (Universidad de La Rioja)

16h30 Debate

16h45 Encerramento | deslocação para o Mosteiro de Santa Clara

Mosteiro de Santa Clara

17h30

Visita guiada (pré-inscrição)

Património em Santa Clara do Porto

Ana Cristina Sousa (FLUP/DCTP-CITCEM) / Anastasia Sazontieva (FLUP-UPorto)

18h00

Concerto comentado de órgão (lugares limitados à lotação da igreja)

Ángel Justo-Estebanz (Universidad de Sevilla)

Programa

I

<i>Salmo 100</i>	Anónimo holandés (s. XVII)
<i>Pavana</i>	A. Mudarra (1510-1580)
<i>Ave Maris Stella</i>	F. Hernández Palero (+1597)
<i>Canção a 4 glosada</i>	A. Carreira (ca. 1520/30- ca. 1597)
<i>Diferencias sobre Guárdame las Vacas</i>	A. de Cabezón (1510-1566)
<i>Toccata</i>	Frei Jacinto do Sacramento (1712-1780)

II

<i>Segundo tento do mesmo tom</i>	M. Rodrigues Coelho (1555-1635)
<i>Tiento de quinto tono de mano izquierda</i>	P. Bruna (1611-1679)
<i>Tiento V</i>	F. Correa de Arauxo (1584-1654)
<i>Toccata</i>	C. Seixas (1704-1742)
<i>Obra de primeiro tom sobre a Salve Regina</i>	P. de Araújo (ca. 1640-ca. 1705)
<i>Primer tiento de primer tono</i>	A. de Sola (1634-1696)
<i>Tiento de Pange lingua, punto alto</i>	J. Cabanilles (1644-1712)

19h00 Encerramento

Sábado, 5 de julho de 2025

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

9h15 Boas-vindas

9h30

Conferência

O Património Literário Galego e a Música: dos Trovadores a Novoneyra

Keynote Uxío Novo (ACAMFE/Universitat de Barcelona)

10h00 Debate

10h15

Mesa 5. Memórias de interpretações musicais

Moderação: Ricardo Vilares (CITCEM/FLUP)

- *De Torre de S. Sebastião a Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais: instrumentos, práticas e vivências musicais*

Maria Cristina Gonçalves e Ana Vanessa Rodrigues (Museu Condes de Castro Guimarães)

- *O que mais há a dizer de importante sobre a violoncelista Guilhermina Suggia?*

Filipa Monteiro e Francisco Ferreira (FLUP-UPorto)

- *Ecos Visuais: As Fotografias das Irmãs Sá Costa e a Construção da Memória Musical*

Cláudia Pimentel (FLUP-UPorto)

11h15 Debate

11h30 – Pausa para café

11h45

Mesa 6. Olhar para além da Europa

Moderação: Hugo Barreira (FLUP/DCTP-CITCEM- Universidade do Porto)

- *Os hinos patrióticos portugueses no contexto expedicionário em África nos finais de oitocentos*

Filipe Mesquita Oliveira (CESEM/UÉvora)

- *Canções e Imagem em Movimento na China Comunista (1935-1976)*
Beatriz Silva (CESEM/NOVA-FCSH)

12h25 Debate

12h35 – Encerramento | Porto de Honra*

Momento musical pelo *Quarteto Metamorfose*
I. Adagio (Lá Maior) – Allegro vivace (Lá menor),
Quarteto de Cordas n° 2 em Lá menor, Op. 13, Felix Mendelssohn

Pedro Rebelo, Violino I
João Sá, Violino II
Djonathan Inácio da Silva, Viola
Carolina Costa, Violoncelo



* Patrocinado pela Real Companhia Velha.

Quinta-feira, 3 de julho de 2025

Museu Nacional Soares dos Reis

Conferência inaugural

A primeira Casa Museu do Porto. Um Projeto Museológico intemporal

KEYNOTE Ana Clara Silva (Câmara Municipal do Porto)

Resumo: Nos finais do século XIX, o Porto assistia ao crescimento de uma classe burguesa em plena expansão, impulsionada por uma privilegiada rede de relacionamentos dentro e fora do país e tão diversificada nos seus rendimentos, património material e artístico, quanto no seu índice cultural e opções políticas. As coleções particulares eram enriquecidas com peças de arte adquiridas diretamente a artistas, a antiquários ou em leilões e eram trocadas, oferecidas e algumas achadas, mantendo-se o gosto dos colecionadores pelo ecletismo nacionalista, privilegiando o bric-à-brac e até mesmo, o diletantismo. Estas coleções encerravam, na sua essência, significados políticos e sociais e eram transmissoras de simbologias históricas e mensagens emocionais e poéticas. Os colecionadores desta época partilhavam de um romantismo nacionalista tardio, acentuado pelo gosto oitocentista.

O ecletismo das suas coleções vai dar origem ao surgimento de novas instituições museológicas de acesso público que ostentam os nomes dos seus colecionadores com o objetivo de perpetuar a sua vida e obra, mas sobretudo e de uma forma quase altruísta, desempenharem um papel crucial na alfabetização da população portuguesa.

Neste contexto, surgem no Porto vários colecionadores de arte, entre eles, o escritor e poeta, o político e diplomata, o filósofo, cientista e agricultor Abílio Manuel Guerra Junqueiro, proprietário de uma notável coleção de arte portuguesa e estrangeira, e de um gosto particular por peças de arte gótica e da renascença.

Neste cenário, surge em 1942, a primeira Casa Museu no Porto, em memória a Guerra Junqueiro, uma instituição pública detentora de um espólio artístico de grande relevância patrimonial, doado em 1940, ao Município do Porto pela sua filha e pela sua mulher. Tratando-se de uma casa museu na sua génese, foram várias as abordagens museográficas desenvolvidas ao longo do tempo, com enfoque na recriação de ambientes mais intimistas, na interpretação e na divulgação das suas coleções.

Na nova Museologia, esta casa museu é um exemplo atípico.

No entanto, privilegiando a história da casa e a do colecionador, a erudição e a coerência das coleções de arte, bem como o espaço envolvente classificado de Património Mundial, foi possível durante um período de nove anos, implementar um projeto museológico enquadrado num discurso intercultural com uma consolidada missão científica, educativa e social.

Este projeto inclusivo e participativo, teve como inspiração, a figura multifacetada e humanista de Guerra Junqueiro e nas palavras inaugurais da doadora Maria Isabel Guerra Junqueiro: “Esta casa há-de irradiar Amor, Beleza e Luz”. As ações culturais desenvolvidas por uma equipa interna interdisciplinar, reforçada por parcerias de Instituições públicas e privadas, Associações e Comunidades, Colecionadores e Artistas, Investigadores e Professores, Cidadãos ativos e livres pensadores, posicionaram esta Casa Museu no panorama museológico da cidade, como um espaço de inclusão e de fruição, difusor de conhecimento, através de uma educação formal e não formal, estimulando o pensamento crítico, a imaginação e as aptidões artísticas, apelando ao diálogo entre a arte medieval, moderna e contemporânea e assumindo-se como um espaço de introspeção e de paz.

Nota biográfica de Ana Clara Silva

Pós-graduada em Museologia e licenciada em História, variante da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, realizou, ao longo da sua carreira, várias formações específicas nas suas áreas de formação. Esteve em contexto de estágio profissional no Museu da Cerâmica de Barcelona, no âmbito do Programa Leonardo da Vinci. Exerceu a carreira de docente do Ensino Secundário, entre 1994 a 1997 e obteve o CCP através do Curso de Formação de Formadores. Iniciou a sua carreira de técnica superior na Câmara Municipal do Porto em 1990, no contexto do projeto de abertura ao público da Casa Museu Marta Ortigão Sampaio, exercendo funções específicas nas áreas de inventário geral, exposição e divulgação da coleção de joias de Marta Ortigão Sampaio. Desempenhou funções no Museu Romântico, com enfoque na gestão das reservas museológicas e introdução ao estudo da coleção de leques. Exerceu funções na área de gestão das coleções de Artes Decorativas e de Escultura na Casa Museu Guerra Junqueiro, participando na conceção, produção e divulgação de exposições temporárias. Entre 2008 e 2017, assumiu a coordenação da Casa Museu, colocando o enfoque na curadoria, gestão de coleções e produção de exposições temáticas e interculturais, participando em diversos projetos internacionais. Concebeu e implementou projetos educativos

e sociais que complementaram uma programação cultural intensa e diversificada.

Desde 2018, que desenvolve projetos de gestão museológica nos Museus Municipais, nomeadamente, nas Reservas Museológicas e no Museu Guerra Junqueiro. Neste enquadramento, desenvolve alguns projetos de investigação em torno do Violoncelo Montagnana de Guilhermina Suggia, tendo participado em conferências e recitais. Na área da gestão de coleções, destaca-se a produção de conteúdos para a exposição de longa duração *Metamorfoses: Imanência Vegetal, Mineral e Animal no Espaço Doméstico Romântico*, patente no Museu Romântico. Na área do Colecionismo tem desenvolvido projetos de investigação em torno das figuras que estão na génese das Casas Museu Municipais, nomeadamente, na figura de Vasco Ortigão Sampaio e na figura de Guerra Junqueiro. Participou no Catálogo Raisonné de Aurélia de Sousa e em atividades culturais integradas na programação cultural do Município, tais como, *Um Objeto e Seus Discursos*, *Resgate*, entre outras visitas especializadas. Desenvolve neste momento, conteúdos museográficos em torno da coleção de Guerra Junqueiro e da figura multifacetada do Poeta, no contexto do projeto expositivo de longa duração, do atual Museu Guerra Junqueiro.

Mesa 1. A transição do século XIX para o XX

Moderação: Ana Cristina de Sousa (FLUP-DCTP/CITCEM – Universidade do Porto)

Requalificar com Fado: A Casa da Severa e a Reinvenção da Mouraria Maria Espírito Santo (INET-md/NOVA-FCSH)

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a Casa da Severa (atualmente com o nome comercial Maria da Mouraria) enquanto caso paradigmático de casa patrimonial e espaço simbólico central na reconfiguração da Mouraria, bairro histórico de Lisboa. O estudo parte da investigação dos processos de construção do mito fundacional do fado através de Maria Severa Onofriana, figura incontornável no imaginário fadista desde o final do século 19, atravessando representações literárias, teatrais, iconográficas, cinematográficas e performativas. A análise incide na recente transformação da suposta casa de Severa num espaço híbrido de memória, gastronomia, performance e turismo. Esta transformação é contextualizada nos processos mais amplos de requalificação urbana e patrimonialização, onde o fado tem um papel

determinante na reinterpretação da Mouraria como marca da cultura musical da cidade. Ao focar esta casa enquanto espaço de música, o estudo evidencia a relação intrincada entre memória cultural, espaço urbano e política identitária, demonstrando como Maria Severa se tornou não apenas um mito fundacional do fado, mas também um agente simbólico poderoso na regeneração e na mercantilização de um bairro outrora marginalizado.

Palavras-chave: Maria Severa Onofriana; Fado; Património cultural; Requalificação urbana; Memória e identidade.

Nota biográfica de **Maria Espírito Santo**

Maria Espírito Santo, natural de Lisboa, investigadora do INET-md, doutorada em Etnomusicologia pela NOVA FCSH (2025) com uma tese dedicada ao estudo das relações entre a categoria musical fado e a representação da nação portuguesa. Tem publicado em revistas e coletâneas internacionais, com destaque para textos editados pela UNESCO. Apresentou comunicações em diversas conferências internacionais, como o ICTM, o European Seminar in Ethnomusicology, a SIBE, entre outros. Foi curadora da exposição “Ada de Castro: Se Deus me Deu Voz foi para Cantar” (Aveiro, 2023). É também autora do programa Perdida na Música na rádio Radar.

Iconografía y ornamentación musical de la Casa Museo Amatller en Barcelona **Omar Ricardo Guzmán Ralat (Cases Singulares/Laboratori de Patrimoni i Turisme Cultural-Universitat de Barcelona)**

Resumo: La Casa Amatller fue inaugurada en 1900 por el arquitecto Josep Puig i Cadafalch para la familia de Antoni Amatller y Teresa Amatller (padre e hija) en el Paseo de Gracia de Barcelona. La casa forma parte del Ensanche de la Ciudad de Barcelona, un proyecto urbanístico de segunda mitad del siglo XIX, y su fachada modernista y ecléctica supuso todo un quiebre respecto al estilo neoclásico imperante y normativo en el espacio público.

Amantes de la música, Antoni y Teresa buscaron reflejar en la iconografía escultórica y la ornamentación de su casa elementos figurativos que representarían instrumentos o versos musicales con finalidades alegóricas para los espacios que decoraban. Las alegorías musicales de la casa se enmarcan en breves contextos programáticos: las artes, la mitología, estilos musicales, escenas familiares, folklore y el nacionalismo. Antoni fue asiduo y socio de los principales teatros y salas de concierto, costumbre heredada por Teresa, quien

llegó a apadrinar conciertos musicales en la ciudad. Desde esta perspectiva, para la casa proyectaron y realizaron una sala de música, que por documentación fotográfica se sabe que contaba con un piano y un mueble para fonógrafo. Es esta sala la que agrupa el mayor número de iconografía y ornamentación musical, tanto escultural como de diseño textual. Sin embargo, otras muestras se hallan tanto en el exterior como el interior de la casa, incluyendo el mobiliario hecho expresamente para otras estancias de los espacios privados del hogar, conservado gracias a la creación, por manos de Teresa, del Instituto Amatller de Arte Hispánico.

El presente estudio busca aportar un inventario y análisis contextual de esta iconografía musical que recibe silenciosa y diariamente a visitantes en la Casa Museo Amatller.

Palabras clave: Iconografía musical; Casa Amatller; Barcelona; Modernismo catalán.

Nota biográfica de **Omar Ricardo Guzmán Ralat**

Investigador e intérprete del patrimonio para Cases Singulares en casas históricas de Barcelona. Miembro del Laboratori de Patrimoni i Turisme Cultural (Universitat de Barcelona), la National Association for Interpretation en EE.UU. y de ICOMOS-España. Máster en Gestión del Patrimonio Cultural por la Universidad de Barcelona y graduado de Sociología y Antropología por la Universidad de Puerto Rico.

Ha trabajado o colaborado con el Museo de las Américas, el Museo de Historia, Antropología y Arte y la Casa-Museo Luis Muñoz Marín en Puerto Rico, así como el Museo de América en Madrid y el Museu Etnològic de Barcelona. Ha sido coordinador y docente de programas de posgrado sobre gestión cultural en la Universidad de Barcelona y participado en proyectos y conferencias sobre itinerarios culturales, patrimonio mundial e inmaterial, legados coloniales transatlánticos y casas históricas.

A devoção do colecionador: Beethoven na Casa dos Patudos – Museu de Alpiarça

Luzia Rocha (CESEM/NOVA-FCSH), Nuno Prates (CESEM/NOVA-FCSH)

Resumo: José Relvas (1858-1929), antigo proprietário da Casa dos Patudos, foi um político de relevo a nível nacional e internacional. Foi também um abastado

agricultor, músico amador e colecionador de arte. A sua coleção particular de arte, hoje museu público, conta com mais de 8.000 objectos.

A admiração de Relvas por Ludwig van Beethoven está patente nos vários objectos relacionados com o compositor que fazem parte da sua coleção. Não se trata apenas de peças de arte, mas também de objectos de significado pessoal. O objetivo deste trabalho é analisar a variedade de representações artísticas e obras de arte associadas a Beethoven, incluindo uma jarra (“Jarra Beethoven”), o pano de cobertura do teclado do piano da família (com um excerto musical da Sonata de Waldstein), um retrato litográfico de Beethoven e vários pergaminhos de pianola.

Para além de explorar aspectos musicológicos, históricos, iconográfico-musicais e organológicos, este estudo procura compreender a evolução do papel destes objectos na devoção artística do colecionador, bem como o seu papel numa coleção que passou de posse privada a exposição pública em museu.

Palavras-chave: Iconografia musical; Beethoven; Museus.

Nota biográfica de **Luzia Aurora Rocha e Nuno Prates**

Luzia Aurora Rocha estudou Musicologia em Lisboa (Portugal) e Innsbruck (Áustria), tendo obtido o grau de Doutora em Musicologia pela NOVA/FCSH. Coordena a Linha Temática de Iconografia Musical no CESEM e co-coordena o GT ARLAC-IMS ‘Iconografia Musical e as suas conexões ultramarinas’ e o Grupo CESEM/GMPM. Foi recentemente nomeada para o Comité de Direção do Study Group on Musical Iconography da IMS. É consultora científica regular na Europa (incluindo para a União Europeia e FWO) e na América Latina, nas áreas das Artes, Iconografia Musical e Património.

Nuno Prates é licenciado em História (variante de Arqueologia) pela Universidade de Coimbra, tendo igualmente frequentado a Licenciatura em História da Arte na mesma universidade, realizado estudos pós-graduados em Museologia na Universidade de Évora e especialização em Inventário do Património Cultural Imaterial na Universidade Aberta, em Lisboa. Atualmente, é estudante de Mestrado na Universidade de Évora e colabora com a NOVA FCSH/CESEM.

Comunicação-performance

Espaços e Identidade da música portuguesa do século XVIII

KEYNOTE Mafalda Nejmeddine (CESEM-UÉvora)

Resumo: A identidade da música de um determinado espaço geográfico é representada por elementos que evidenciam particularidades das suas composições, das suas práticas musicais e respetivas tradições. Atualmente, existem composições de vários géneros que assimilam técnicas e esquemas musicais originários de séculos passados, os quais foram utilizados em diferentes espaços geográficos por vários compositores. Importa, por isso, encontrar traços distintivos da música que outrora se compunha e saber em que contexto e espaços a música foi composta e executada. Nesta comunicação propõe-se que a análise da identidade da música portuguesa do século XVIII deve ser complementada por duas vias: o estudo biográfico dos compositores e a análise das suas obras. Considerando que no século XVIII havia uma forte presença italiana em Portugal e um intenso intercâmbio cultural entre Portugal e Itália, apresentam-se elementos comuns da música composta nessa época nestes dois espaços geográficos através da interpretação, audição e apontamentos analíticos de algumas obras musicais. Partindo dos compositores portugueses mais emblemáticos do século XVIII, apontam-se estudos biográficos, trabalhos de disseminação e apresentam-se novos dados biográficos sobre o compositor João Cordeiro da Silva, bem como algumas particularidades da sua música e da música de outros autores portugueses da época, contribuindo assim para o reconhecimento de espaços e da identidade da música portuguesa.

Palavras-chave: Identidade; Música portuguesa; Século XVIII; Casas-Museu; Património musical.

Nota biográfica de Mafalda Nejmeddine

Mafalda Nejmeddine é cravista e investigadora do Centro de Estudos em Música (CESEM) na Universidade de Évora. Doutorada em Música e Musicologia pela Universidade de Évora na especialidade de Interpretação, é especialista em música antiga portuguesa, nomeadamente a sonata portuguesa para tecla. Diplomada com o Curso Complementar de Piano (Academia de Música S. Pio X, Vila do Conde), a Licenciatura em Música - Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa), o 1º Prémio de Cravo (Conservatório Superior de Paris-CNR) e o Mestrado em Estudos da Criança - Educação Musical (Universidade do Minho). Desenvolveu uma série de trabalhos que envolveram a investigação, a interpretação e a divulgação do repertório português para tecla dos séculos XVIII e XIX. É autora de edições musicais e discográficas, bem como de artigos sobre a música portuguesa para tecla deste período. Gravou dois CD's em instrumentos de tecla históricos com a estreia discográfica da coleção "Sei

sonate per cembalo" de Alberto José Gomes da Silva (cravo José Calisto de 1780, National Music Museum, Vermillion, EUA, 2018) e de "Sonatas portuguesas dos séculos XVIII-XIX" (pianoforte Muzio Clementi & Co. de c. 1810, Palácio Nacional de Queluz, 2023). Realizou diversos recitais e conferências-concerto com obras inéditas deste repertório e uma tournée nacional de divulgação do seu primeiro CD, com o apoio da Fundação GDA. Foi consultora científica e participou nos documentários "Reencontro" e "Sonoridades portuguesas do passado" de Fouad Nejmeddine realizado sobre os seus dois CD's. Em 2020, editou a partitura do "Miserere de Villa de Conde" de António da Silva Leite, e nos anos seguintes apresentou a estreia moderna desta obra e publicou sobre os órgãos do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde, para o qual a obra foi composta. É autora da série documental "Mestres e Sons Lusitanos", sobre compositores portugueses dos séculos XVIII e XIX, e do projeto "Avondano XXI", baseado na primeira edição crítica das sonatas para tecla deste compositor, ambos financiados pela Direção-Geral das Artes. Atualmente desenvolve o projeto de investigação "Identidade da Música Portuguesa: Padrões do Repertório para Tecla (1750-1834)", financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) no Polo do CESEM na Universidade de Évora.

Mesa 2. Musealização no presente e no passado

Moderação: Ana Ester Tavares (CITCEM/FLUP)

Casas-Museu e Inclusão: Percursos Sensoriais e Musicais para a Acessibilidade Cultural

Joana Monteiro (Instituto de Educação de Lisboa)

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão crítica sobre os desafios atuais da acessibilidade cultural nas casas-museu, com foco na inclusão de pessoas com Deficiência Intelectual e Desenvolvidamental (DID), que ainda estão frequentemente ausentes dos discursos e práticas museológicas. A cultura é um direito de todas as pessoas, independentemente das suas capacidades, e os espaços patrimoniais devem ser repensados como locais de aprendizagem não formal e participação ativa, onde todos os públicos se sintam representados e envolvidos.

Com base na experiência do projeto InRaizArtes – Inclusão pelas Artes, serão apresentadas propostas de mediação cultural que utilizam os princípios do

Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e metodologias artísticas multissensoriais. A música será o eixo central, servindo como elemento de ligação, expressão e memória. As propostas incluem atividades musicais acessíveis (como música ao vivo, exploração instrumental e criação sonora partilhada), percursos sensoriais interativos (tátil, olfativo, auditivo) e dinâmicas colaborativas entre artistas com e sem deficiência.

Destaca-se a casa-museu como um espaço privilegiado para experiências imersivas e afetivas, onde a sua dimensão doméstica favorece um acolhimento mais personalizado, facilitando a adaptação das propostas às necessidades cognitivas e sensoriais dos visitantes com DID. A tecnologia inclusiva, como audioguias com linguagem simples e realidade aumentada tátil-sonora, será também abordada como ferramenta essencial para criar ambientes inclusivos. O objetivo é contribuir para uma museologia mais sensível, equitativa e atenta à diversidade, que reconhece cada pessoa como parte integrante da experiência cultural, promovendo uma cultura verdadeiramente acessível a todos.

Palavras-chave: Acessibilidade Cultural; Deficiência Intelectual e Desenvolvimental; Desenho Universal para a Aprendizagem; Inclusão; Experiência Sensorial.

Nota biográfica de **Joana Monteiro**

Iniciou os estudos musicais na Escola Profissional de Música de Almada, no curso de violino. Licenciou-se em Ciências Musicais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e concluiu o Mestrado em Educação Musical no Ensino Básico na ESE do Instituto Politécnico de Setúbal. Atualmente, é doutoranda em Educação Inclusiva, com uma investigação sobre inclusão pela música e arte em contextos museológicos, e professora de Educação Especial no Agrupamento de Escolas Pedro Eanes Lobato, no Seixal. É também presidente da Associação Cultural Trovas Pensadas e coordena o projeto InRaizArtes – Inclusão pela Música e Artes. Colabora com o Museu Nacional de Música no âmbito do seu doutoramento, desenvolvendo práticas interdisciplinares que promovem o acesso à arte e à música para todos os públicos, com foco na inclusão e na diversidade.

Do colecionismo amador à narrativa museológica: o processo de formação da coleção de instrumentos musicais de Alfredo Keil

Joana Peliz (CESEM/NOVA-FCSH)

Resumo: No contexto da vida cultural portuguesa da viragem para o século XX, uma das figuras com mais relevância é sem dúvida Alfredo Keil (1850-1907), reconhecido pela sua produção artística tanto como compositor como artista plástico e pelo patriotismo convicto que através dela veiculou. No entanto, não menos relevante foi a sua faceta colecionística, tendo formado coleções de diversas categorias de objetos, entre as quais uma de instrumentos musicais, a que se dedicou com especial afinco. Essa coleção, que hoje constitui uma parcela significativa do acervo do Museu Nacional da Música, destaca-se das demais coleções portuguesas, não só pela sua extensão, mas também pela grande variedade e, nalguns casos, raridade dos exemplares que encerra. Embora a tenha iniciado em 1900, a partir de 1904 Keil aumentou avidamente o seu volume de aquisições, expandindo-a rapidamente, e, em 1905, num gesto cívico, abria as portas da sua própria casa de Lisboa, no n.º 77 da Avenida da Liberdade, dando aos portugueses a oportunidade de contemplá-la. Além de contactar com instrumentos que perfaziam uma linha cronológica que ia desde o século XVI até à atualidade de então, o público poderia ainda observar um conjunto amplo de instrumentos originários de territórios não-europeus pertencentes a África, Ásia e América.

Focando o espólio documental associado a esta coleção, procurar-se-á: por um lado, revelar o que motivou Keil a exibi-la e como essa decisão se refletiu nos seus contornos, tendo em conta que surgira de um desígnio inicialmente individualista e o carácter doméstico do seu espaço; por outro, observar em que medida e moldes aponta para um intento de ambição universalista à imagem de outras coleções europeias na origem dos principais museus de instrumentos musicais.

Palavras-chave: Alfredo Keil; colecionismo; instrumentos musicais; museu doméstico; universalidade.

Nota biográfica de [Joana Peliz](#)

Joana Peliz é doutoranda em Musicologia Histórica na Universidade Nova de Lisboa, onde concluiu a licenciatura e o mestrado na mesma área de estudos, e membro do CESEM. A sua investigação, realizada em colaboração com o Museu Nacional da Música e financiada por uma bolsa de doutoramento em ambiente não académico da Fundação para a Ciência e Tecnologia, incide sobre o fenómeno do colecionismo de instrumentos musicais em Portugal entre o final do século XIX e o princípio do século XX, focando-se nas coleções de Alfredo Keil, Michel'angelo Lambertini e António Lamas.

Paralelamente, interessa-se pelo estudo da música de cena das peças do género teatral luso-brasileiro "mágica" e dos espetáculos audiovisuais em que se recorria à tecnologia da lanterna mágica, tendo contribuído como investigadora para o projeto multidisciplinar MAGICA, o qual visa compreender o papel da lanterna mágica na vida cultural e académica do século XIX.

Comunicação-performance

Os salões musicais privados de Lisboa entre 1881 e 1928: memórias sonoras de uma cidade em transformação

KEYNOTE Alejandro Reyes-Lucero (INET-md/NOVA-FCSH)

Resumo: Cristalizadas em recordações silentes e escondidas entre livros, opúsculos, memórias, artigos de jornais e revistas ilustradas do último quartel do século XIX e do dealbar do século XX, as festas, bailes, saraus e concertos realizados nos salões privados de uma heterogénea elite capitalina constituíram uma importante peça do complexo mosaico da vida musical da Lisboa tardo-oitocentista.

Embora os géneros da dita música de salão se encontrem sobretudo associados a composições concebidas para divertimentos dançantes — valsas, polkas, mazurkas, etc. —, a variedade de obras que se ouviam e tocavam nos salões nobres lisboetas compreendia pot-pourris arranjados para piano a duas ou quatro mãos, reduções de óperas para voz e acompanhamento de piano, arranjos para sextetos de cordas de valsas e outros géneros familiares, assim como repertório de música de câmara: sonatas para instrumentos solistas, trios, quartetos e até quintetos instrumentais de Mozart, Beethoven, Schumann, Brahms, Liszt, entre outros compositores.

O convívio e a articulação de um repertório musical tão vasto exemplificam a diversidade de interesses cultivados pelos anfitriões dos salões lisboetas. Quer nos bailes do conde Burnay ou nas receções da duquesa de Palmela, quer nos concertos organizados nas galerias do conde Daupias, é possível identificar tendências e preferências musicais por vezes contrastantes.

Uma figura incontornável no estudo do panorama de salões musicais lisboetas é o pianista e professor Alexandre Rey Colaço. Nascido em Tânger em 1854, Rey Colaço formou-se em piano em Madrid, Paris e Berlim e acabou por fixar-se em Lisboa em 1888, onde viveu e trabalhou até ao seu falecimento em 1928. Desde a sua chegada à capital portuguesa, Rey Colaço foi um dos pianistas mais reputados nos salões mundanos e um dos professores mais procurados pela alta

burguesia e pela aristocracia da cidade. A partir de 1897, Rey Colaço encetou a organização de concertos no seu próprio salão, fomentando a divulgação de obras e de compositores ainda pouco conhecidos localmente. O formato das audições procurava ensinar e contribuir para a formação de um cânone de repertório instrumental de matriz franco-germânica, ainda incipiente em Portugal. Através de palestras ou conferências que serviam como aberturas para os concertos no salão Rey Colaço, vultos como António Arroio, Alfredo Bensaúde ou Jaime Batalha Reis discursaram sobre as obras e vidas de Beethoven, Schubert e Liszt.

Para esta comunicação, procuro apresentar um panorama da vida dos salões musicais privados lisboetas entre 1881 e 1928, expondo e problematizando os diferentes modos como a música era apreciada e cultivada num importante leque de exemplos, focando-me especialmente no caso e na influência do salão de Alexandre Rey Colaço. Ao longo da comunicação serão interpretados trechos musicais relacionados com os géneros ou com os exemplos dos salões discutidos.

Nota biográfica de **Alejandro Reyes-Lucero**

Alejandro Reyes-Lucero (n. 1995) é natural de Venezuela. Começou os seus estudos musicológicos na Universidad Central de Venezuela (UCV). É licenciado em Ciências Musicais pela NOVA-FCSH, tendo completado o Mestrado em Ciências Musicais – Musicologia Histórica – na mesma instituição. Atualmente está a cursar o doutoramento em Ciências Musicais – Musicologia Histórica com o apoio de uma bolsa da Fundação para Ciência e a Tecnologia, tendo sido acolhido no centro de investigação INET-md. Participou no projecto desenvolvido pela mesma instituição, “PROFMUS – Ser Músico em Portugal: a condição socioprofissional dos músicos em Lisboa (1750-1985)” enquanto bolseiro de investigação. É membro do grupo de investigação “Caravelas”, do CESEM.

Faculdade de Letras-Universidade do Porto

17h30

Workshop de dança

Contradanças do século XVIII - meio de convivialidade

**Catarina Costa e Silva (Portingaloise – Associação Cultural e Artística;
ESMAE-P.Porto, CECH-UC)**

Resumo: As contradanças, desde a sua origem enquanto countrydances no século XVII, desenvolvem-se enquanto prática social que animava assembleias públicas ou saraus privados. Para além da música e do jogo, a dança não só entretinha como veiculava relações sociais que confirmavam estatuto e classe, daí ser fundamental o saber dançar.

Nota biográfica de Catarina Costa e Silva

Atividade artística e pedagógica abrangendo a sua formação: curso vocacional de dança – Ginásio ED; Licenciatura História da Arte – FLUP; Licenciatura Canto – ESMAE; MA Music-Theatre Studies – Un. Sheffield. Membro fundador da Portingaloise - Associação Cultural e Artística e diretora artística do festival homónimo já na sua 10ª edição. Docente na ESMAE_P.Porto. Investigadora colaboradora do CECH - Universidade de Coimbra onde é doutoranda de Estudos Artísticos e bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Sexta-feira, 4 de julho de 2025

Museu Nacional Soares dos Reis

Visita guiada

A Sala de Música do Palácio dos Carrancas: espaço, aparato e sociabilização
Paula Oliveira (MNSR/MMP)

Mandado edificar pelos irmãos Morais e Castro, em finais do século XVIII, dessa época ainda se mantêm intactas a sala de jantar e a sala de música, nomeadamente a decoração original de mobiliário, estuques e pintura. De estilo neoclássico e seguindo a arquitetura do edifício, inspira-se na Antiguidade e nos princípios de sobriedade e harmonia. Em 1861 foi adquirido pela família real, que adaptou o Palácio para sua residência nos períodos de estadia no Norte do país. Enquanto Paço Real (1862–1910), a sala integrou as divisões privadas dos monarcas. Em 1937, o Palácio foi adquirido pelo Estado para a instalação do Museu Soares dos Reis, hoje Museu Nacional Soares dos Reis.

Nota biográfica de Paula Oliveira

É doutorada em História de Arte e pós-graduada em Museologia. Conservadora no Museu Nacional Soares dos Reis desenvolve o trabalho na área das

Coleções, com foco essencialmente nas artes decorativas e temas relacionadas com espaços interiores. É autora de vários trabalhos de investigação e oradora em congressos nas suas áreas de trabalho, e conta com a participação em numerosos catálogos e exposições temporárias. Foi co-autora do programa de remodelação da Exposição Permanente do Museu/ Artes Decorativas em 2001, e do programa de Exposição de Longa Duração/ 2º Andar, em 2023.

Mesa 3. Casas do Porto

Moderação: Sónia Duarte (ARTIS-Instituto de História da Arte da FLUL; FLUP)

Orpheon Portuense: história, impacto e herança para a música do Porto do século XX

Ana Maria Liberal (ESMAE-CESEM/P.PORTO)

Resumo: O Orpheon Portuense foi fundado em 1881 por um grupo de músicos amadores pertencentes à burguesia abastada da cidade do Porto, liderados por Bernardo Moreira de Sá. Ao longo dos seus cerca de 110 anos de existência (a sociedade foi extinta formalmente em 2008, mas deixou de ter actividade artística em 1994), Orpheon, como era conhecido, foi dirigido por importantes figuras da música da cidade do Porto, todas ligadas à mesma família: o já mencionado Bernardo Moreira de Sá, até 1924, o seu genro, o compositor Luís Costa, entre 1924 e 1960, e as suas netas, Helena Moreira de Sá e Costa, pianista, entre 1960 e 2006, e Madalena Moreira de Sá e Costa, violoncelista, nos dois últimos anos de vida da sociedade de concertos (2006-2008).

O impacto desta sociedade de concertos na vida musical da cidade do Porto foi extraordinário, sobretudo até 1974, pela quantidade de obras, compositores e intérpretes, nacionais estrangeiros que deu a conhecer. Para Fernando Lopes-Graça e Tomás Borba foi uma das “mais fecundas obras de cultura musical verificadas no país” (Lopes-Graça e Borba, 1958: 258).

A partir do seu espólio, depositado na Fundação Casa da Música, desde 2008, a presente comunicação propõe-se abordar a actividade do Orpheon Portuense durante os seus mais de 100 anos de actividade, analisando o seu impacto no meio musical da cidade, a sua história enquanto instituição privada, e a sua ‘musealização’ na Casa da Música.

Palavras-chave: Orpheon Portuense; sécs. XIX e XX; arquivos musicais; Porto.

Nota biográfica de Ana Marial Liberal

Ana Maria Liberal é doutorada em História da Música, com distinção e louvor, pela Universidade de Santiago de Compostela. Lecciona na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Politécnico do Porto e é investigadora associada e vice-coordenadora do Polo P.PORTO do CESEM – Universidade Nova de Lisboa. É, ainda, membro dos grupos de investigação "Estudos Interdisciplinares em Ciências Musicais", sediado na Universidade Federal de Pelotas, no Brasil, e ORGANISTRUM, sediado na Universidade de Santiago de Compostela, em Espanha. Os seus interesses de investigação centram-se na música no Porto e nas relações musicais entre Portugal, a Europa e a América Latina nos sécs. XIX e primeira metade do séc. XX, temáticas nas que é autora de vários livros e artigos em revistas nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Fundação Casa da Música na realização de palestras pré-concerto e concertos comentados, e na redacção de programas de sala.

CMSC - Uma casa no mundo da música/ artes – Vivências e memórias
Helena Costa Araújo (HCA, CIIE/FPCEUP)

Resumo: Esta comunicação pretende trazer as vivências da Casa Moreira de Sá e Costa, onde habitaram quatro músicos que dedicaram muito do seu trabalho profissional à produção e formação musical (Luiz Costa, Leonilda Moreira de Sá e Costa, Helena Moreira de Sá e Costa e Madalena Moreira de Sá e Costa). A estas duas gerações, de pais e filhas – pianistas, violoncelista, compositor, e todos professor/as - acrescenta-se uma outra anterior, a de Bernardo Moreira de Sá (musicólogo, violinista, maestro, professor, etc.).

Na casa, várias gerações de pianistas, violoncelistas e violinistas, entre outros, passaram para formação, produção e comunicação em música. A Casa tinha uma ligação orgânica a sociedades de concertos e outras organizações de música e muitos artistas nacionais e de outros países frequentaram a Casa, deixando nela também a sua presença, representada em dezenas de fotografias, pintura, escultura, dedicatórias, cartas, partituras, etc.

“As casas-museu colocam em diálogo, num mesmo edifício, o espaço doméstico, o de criação e o institucional”. Este propósito do Colóquio revive bem nesta Casa que, para além da criação que foi produzindo desde 1917 (quando a família para aí se mudou), como espaço de vida quotidiana, constituiu-se um ponto de encontro nessas três gerações, e depois para uma quarta e quinta gerações – como local de formação, de comunicação afetiva, e de suporte, e ainda de transmissão geracional, que é atualmente uma mais-valia, decorridos que estão mais de cem anos da sua emergência.

Presentemente, é também centro de documentação e de investigação e de produção de cultura musical/artística. Contributos do método biográfico e de história oral são aqui relevantes.

Palavras-chave: Casa Moreira de Sá e Costa; Vivências; Memórias; formação; produção musical.

Nota biográfica de **Helena Araújo**

Investigadora no Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) e Professora (catedrática jubilada) na FPCEUP. Foi co-organizadora da Exposição do Centenário de Helena Sá e Costa e de recitais na Casa Moreira de Sá e Costa (2013). Participou no projeto de digitalização das obras do compositor Luiz Costa com Henrique L. Gomes de Araújo, e João Pedro Mendes dos Santos, e da sua alocação no website da Casa da Música, de acordo com o Catálogo de Christine Wasserman Beirão. Tem mais de cem publicações científicas em revistas e capítulos de livros nacionais e internacionais. Entre as publicações no campo da música contam-se “Leonilda Moreira de Sá e a construção de uma carreira artística, no contexto das relações de género, no final do século XIX” in H. Marinho (org) (2019) *O Diário de uma Jovem Pianista Portuguesa: Leonilda Moreira de Sá, 1899*. Aveiro: MPMP e Universidade de Aveiro (pp. 119-140) e co-coordenadora de *Helena Sá e Costa – Fotobiografia* (2023), Afrontamento.

Memórias de Música numa Casa de Artistas

Henrique Gomes Araújo (CITAR/UCP)

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo contextualizar a memória de vivências do autor no seio da casa de família Moreira de Sá e Costa (CMSC). Para tal, foram escolhidos quatro objetos já inventariados: a mesa da sala de jantar (CMSC127); o quadro de António Carneiro de 1923 (CMSC39); o busto de Teixeira Lopes de 1935 (CMSC37); os Annaes do Orpheon Portuense de 1897 (CMSC04335) e os seus oito suplementos de 1898 a 2013 (CMSC04336 a 04342); o nº 15 (abril jun.1999) de A Arte Musical (CMSC 03718); o violoncelo de John Betts de 1813 (CMSC3).

Quanto à mesa da sala de jantar, as memórias da comensalidade à volta dela, estão distribuídas por duas gerações: a dos meus avós; e a da minha tia e, mais tarde, a dela e de minha mãe. Quanto ao quadro de António Carneiro, representando Bernardo Moreira de Sá, guardo memória dos episódios que

marcaram a sua trajetória na família até ser entregue ao Museu Nacional da Música.

Quanto ao busto de Teixeira Lopes, representando Luiz Costa, é para mim uma presença ausente na memória de meu avô na “sala verde” ou “sala dos pianos” em que compunha, dava aulas de piano e ensaiava.

Quanto aos Annaes do Orpheon Portuense, preservo a memória de minha avó que, numa mesinha no quarto do casal, trabalhava nos verbetes dos programas e respetivas notas. Quanto ao número da revista Arte Musical, dedicado a minha tia, recordo o convite que a então diretora e sua antiga aluna, me endereçou para escrever um testemunho sobre ela.

Quanto ao violoncelo Betts, guardo a memória da visita a minha mãe, do casal seu proprietário para fins de venda do mesmo. Regressava assim, à família, um instrumento que tinha o valor simbólico incorporado da música de câmara dos finais de novecentos no Porto.

Palavras-chave: casa; arte; memória; cultura; pessoa.

Nota biográfica de **Henrique Gomes Araújo**

Doutoramento em Antropologia Social, com especialização em Antropologia Económica no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa; pós-doutoramento intitulado “A antropologia do tempo e da temporalidade do desenvolvimento” na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa como investigador do Centro de Ciências e Tecnologia das Artes (CITAR).

Participou, como membro da Família Moreira de Sá e Costa, no projeto de digitalização das obras do compositor Luiz Costa - com o patrocínio das Fundações Calouste Gulbenkian (FCG), Casa da Música (CdM) e Câmara Municipal do Porto (CMP) - e da sua alocação no website da CdM.

É co - curador deste website de divulgação do espólio musical do compositor Luiz Costa (com Christine Wassermann Beirão e Helena Costa Araújo).

Coordena com Araújo, Helena C. “Fotobiografia de Helena Sá e Costa”. Porto, Edições Afrontamento, pp. 393. (2023) (2018).

Entre danças e folgado: representações de música na coleção da Casa-Museu Fernando de Castro

Ana Anjos Mântua (MNSR/MMP) e Vera Gonçalves (ARTIS-UL)

Resumo: Localizada no número 716 da rua de Costa Cabral (Porto), a Casa-Museu Fernando de Castro não deixa adivinhar através do seu exterior a

profusão decorativa com que o colecionador que lhe dá nome transformou os seus vários espaços.

Não existem, é certo, nos cerca de quatro mil objetos que compõem a coleção de Fernando de Castro (1888-1946) instrumentos musicais. No entanto, aspetos como a existência de uma Sala de Baile – assim designada pelo próprio colecionador –, construída numa clara evocação das galerias dos espelhos dos Palácios de Queluz e de Versailles, remetem-nos para um ambiente burguês, onde a música e a dança seriam apreciadas.

Bem assim, datam, a partir de 1911, algumas caches e caricaturas da sua autoria que retratam compositores, músicos e intérpretes, a solo ou agrupados em trios e quartetos, na prática da sua atividade artística em hotéis, clubes e estâncias balneares. A professora de canto Alexandrina Castagnoli de Brito (1876-1957), o pianista Luís Costa (1879-1960), a violoncelista Guilhermina Suggia (1885-1950), ou o compositor Armando Leça (1891-1977) são alguns dos nomes que integram a vasta galeria de iconografia musical traçada por Fernando de Castro. Do conjunto de desenhos que nos legou constam ainda pares a dançar, num exercício humorístico revelador da efervescência cultural que a cidade vivia à época, bem como da sociedade do seu tempo.

Não obstante a escassez de informação acerca do multifacetado Fernando de Castro, das suas coleções e da sua casa, é possível apreender a presença constante que a música terá sido na sua vida. Numa instituição que, pelas suas características intrínsecas privilegia a memória – individual e coletiva – procuramos compreender, através da análise e leitura integrada dos seus objetos e espaços, a influência da música na construção social e artística deste colecionador, colocando-o em relação direta com o tempo e geografia em que viveu.

Palavras-chave: Casa-Museu Fernando de Castro; Porto; caricatura; iconografia musical; sala de baile.

Notas biográficas de Ana Anjos Mântua e Vera Gonçalves

Ana Anjos Mântua – Licenciada em História e pós-graduada em Arte, Património e Restauro pela FLUL. É coordenadora da Casa-Museu Fernando de Castro, desde 2021. Foi coordenadora da Casa-Museu Anastácio Gonçalves e investigadora e curadora no Mosteiro dos Jerónimos/Torre de Belém e no Museu Nacional do Azulejo. Proferiu palestras e publicou artigos nas áreas do património, história da arte e colecionismo. Em 2016, com Maria de Aires Silveira, recebeu, pelo catálogo e exposição "Fórmulas Naturalistas da Arte

Moderna", uma Menção Honrosa do Grémio Literário de Lisboa. Em 2017, publicou o romance histórico "A Americana que Queria ser Rainha de Portugal". Vera Gonçalves – Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual, pela FLUP. Investigadora do ARTIS/FLUL, desenvolve o projeto de Doutoramento em História da Arte, em colaboração com o MNSR e o apoio da FCT (2021.05213.BD). Os resultados das suas investigações têm sido divulgados em encontros e artigos científicos.

Mesa 4. Documentação e casas-museu

Moderação: Javier Gándara-Feijóo (IHUS-Universidade de Santiago de Compostela; CITCEM/FLUP-Universidade do Porto)

Del archivo doméstico al archivo institucional: el Fondo Andrés Gaos **Montserrat Capelán (Universidade de Santiago de Compostela)**

Resumo: En la presente comunicación se atenderá al proceso de la conversión de un archivo familiar en un archivo institucional, usando como estudio de caso el Fondo de Andrés Gaos. Se analizará todo el trabajo llevado a cabo por el hijo del compositor para poder hacer en su casa un archivo musical de su padre. Desde los materiales heredados hasta la búsqueda incesante de documentación a lo largo de América y buena parte de Europa. Esto lo dotaría de un rico acervo formado por documentación de diferente tipología (partituras, fotografías, cartas, libretos, discos, cintas magnéticas y manuscritos de diferente tipología) cuya organización fue llevado a cabo de manera prolija y, completada, con un número importante de entrevistas a personas que habían sido cercanas a su padre.

Se analizará, así mismo, el proceso mediante el cual se termina donando el Archivo a la Universidad de Santiago de Compostela (las negociaciones previas, la búsqueda de los materiales en Buenos Aires y la catalogación realizada por la USC) y las modificaciones sufridas al convertirse en un archivo institucionalizado así como las actividades de divulgación y transferencia realizadas para darlo a conocer a los investigadores y la población general.

Como resultado, se establecerán cuáles son las ventajas de la institucionalización de los archivos "caseros" pero, también, se resaltarán las peculiaridades que posee un fondo privado, que nos dota de un patrimonio que, si fuera construido de otro modo, carecería del elemento poliédrico y único que encontramos en estos.

Palabras clave: colecciones privadas; Argentina; músicos gallegos.

Nota biográfica de **Montserrat Capelán**

Profesora de la Universidade de Santiago de Compostela y coordinadora del Grupo de Investigación Organistrum. Especialista en música americana (con especial énfasis en la música venezolana de los siglos XVIII y XIX) y en música gallega y emigración (siglos XIX y XX), temas sobre los que ha editado varios volúmenes colectivos, y publicado numerosos artículos y capítulos de libros así como el premio nacional del Libro (Venezuela, 2013).

Es miembro correspondiente por España de la Academia de la Historia del Estado Carabobo, miembro del International Society of Musicology y forma parte de diferentes asociaciones como la MUSAM de la Sociedad Española de Musicología.

La colección particular de la Casa Palacio Condesa de Lebrija (Sevilla) y las "Cinco sonatas para flauta travesera y bajo" de Luis Misón (1727-1766)

Juan Miguel Illán Calado (Universidad Complutense de Madrid)

Resumo: La presente comunicación tiene por objetivo poner de relieve la importancia de la colección particular de la Casa Palacio Condesa de Lebrija (Sevilla), casa señorial que data del siglo XVI y que en 1901 pasó a ser propiedad de Regla Manjón y Mergelina (1851-1938), condesa de Lebrija. En dicho fondo documental se hallaron cinco sonatas inéditas hasta la fecha para flauta travesera y bajo del compositor Luis Misón (Mataró, 1727; Madrid, 1766) que han sido recientemente recuperadas en la edición crítica publicada por el Instituto Complutense de Ciencias Musicales (Illán, 2022), realizada bajo la dirección del Dr. Álvaro Torrente en el marco del proyecto I+D MadMusic-CM «Espacios, géneros y públicos de la música en Madrid, ss. XVII-XX» (ref.: H2019/HUM-5731). La música que contienen genera interés no solo por la relevancia histórica de la figura de Misón como compositor e intérprete y por la dificultad que entrañan algunos de los pasajes desde el punto de vista técnico, sino por la cuestión organológica de para qué modelo de flauta travesera escribió Misón las sonatas. Durante el proceso de vaciado, transcripción y edición de los cinco manuscritos musicales se detectó la utilización del do4 sostenido en tres de las cinco piezas, nota que excede el rango sonoro de la flauta travesera barroca estándar (re4-la6). Este trabajo no solo pone el foco en la importancia de la preservación de los fondos documentales de las casas-

museo para estudiar y llevar a cabo proyectos de recuperación del patrimonio musical español como el indicado, sino en la necesidad de continuar la investigación sobre la colección particular referida, pues podría localizarse nueva evidencia documental que arroje luz sobre cómo llegaron estas partituras al palacio más allá de su probable adquisición por parte de la condesa, la cual desarrolló una cuidadosa labor como coleccionista.

Palabras clave: Casa Palacio Condesa de Lebrija; condesa de Lebrija; Sevilla; Luis Misón; flauta travesera.

Nota biográfica de **Juan Miguel Illán Calado**

Juan Miguel Illán es investigador FPI del Departamento de Musicología de la Universidad Complutense de Madrid. En 2023 obtuvo tres ayudas para la formalización de contratos predoctorales en régimen de concurrencia competitiva: FPU, UCM-Santander y Comunidad de Madrid. Actualmente es beneficiario de un contrato FPI financiado por este último organismo. Illán tiene doble perfil de investigador e intérprete de instrumentos históricos. En 2019 obtuvo el Título Superior de Música en la especialidad de Flauta de Pico y el Premio Fin de Carrera en dicho instrumento en el Conservatorio Superior de Música «Manuel Castillo» de Sevilla. Desde 2019 ha trabajado como editor musical en el Instituto Complutense de Ciencias Musicales y ha formado parte del equipo de trabajo del proyecto DIDONE, bajo la dirección del Dr. Álvaro Torrente. Actualmente es miembro investigador del proyecto I+D MadMusic-Comunidad de Madrid «Espacios, géneros y públicos de la música en Madrid».

Nas estantes do tempo: Um manuscrito musical redescoberto no Museu Biblioteca Condes de Castro Guimarães

Diana Santos (investigadora independente)

Resumo: O objetivo desta palestra é apresentar e analisar um manuscrito do século XVII de uma obra teórica de António Fernandes, que está preservado no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em Cascais. A palestra visa explorar a teoria musical da época, com ênfase na comparação entre a versão manuscrita, única neste exemplar, e a sua versão impressa. Este manuscrito, conservado apenas devido ao amor à música do Conde que habitou nesta casa, é uma mais-valia para a história da música em Portugal. António Fernandes foi um importante teórico musical do século XVII cujos escritos têm sido negligenciados na investigação musicológica contemporânea.

A metodologia adotada para esta análise será comparativa e exploratória, envolvendo a comparação entre o manuscrito e a versão impressa da obra na época. A partir de uma leitura detalhada do manuscrito, serão destacados os aspectos técnicos e teóricos que evidenciam a coexistência da tradição manuscrita e a atividade da impressão. A análise incluirá, ainda uma investigação sobre o conteúdo musical e teórico do manuscrito de Fernandes, visando compreender a sua relevância e o impacto no pensamento musical do século XVII.

Este trabalho insere-se no tema "Coleção de partituras, cartas e outra documentação relacionada com a música na casa museu", uma vez que o manuscrito em questão integra a coleção única do Museu Biblioteca Condes de Castro Guimarães, um espaço dedicado à preservação e divulgação de património musical e cultural. A palestra destaca a importância do manuscrito na compreensão da teoria musical do século XVII e sua conexão com a história da música em Portugal, propondo uma reflexão sobre como a documentação musical, muitas vezes esquecida ou negligenciada, pode contribuir para uma revalorização da música histórica no contexto atual.

Palavras-chave: Manuscrito Musical; Teoria musical do século XVII; António Fernandes; Museu Biblioteca Condes de Castro Guimarães; Documentação musical.

Nota biográfica de [Diana Santos](#)

Concluiu o seu doutoramento em Ciências Musicais na Universidade de Salamanca e de momento colabora no Projeto TraMusE, financiado pelo Estado espanhol, com sede na Universidad de Salamanca.

Concerto comentado de piano

Pedro Blanco y el romanticismo hispano luso

[Raquel del Val Serrano \(Universidad de La Rioja\)](#)

Resumo: Pedro Blanco nace en 1883 en pleno auge romántico, época de grandes viajes en los que la búsqueda de lo insólito aumenta la presencia de músicos españoles en otros países y la llegada de músicos foráneos al nuestro. Aunque español de nacimiento, el compositor vivió gran parte de su vida en Oporto, hasta su fallecimiento en 1919. Esta circunstancia, y una vida viajera quizá propició que su legado no fuera conocido al mismo nivel que el de otras figuras del mismo período. Sin embargo sí fue reconocido en Portugal como

compositor y pedagogo, jugando un importante papel en la fundación del Conservatorio de Oporto en 1917. Colaboró con grandes nombres de la poesía portuguesa en sus composiciones para voz y piano, además de mostrarse muy afín al movimiento de la “Renascença portuguesa”.

El autor leonés dejó para la posteridad un interesante legado de música sinfónica, vocal y de cámara, aunque el mayor número de obras están escritas para piano, incluyendo un concierto para piano y orquesta. Su estilo personalísimo a la hora de escribir se aleja del romanticismo típico y tópico, con una música de tintes más europeístas, inspirándose en la estética chopiniana en ocasiones, y en otras avanzando estéticamente sin llegar a expresar modernidad; sin embargo en sus obras siempre prevalece el sentimiento popular y la evocación de la música de raíz, especialmente la inspirada en su tierra maragata. Sus grandes obras para piano, las suites Hispania y Galanías son expresión de romanticismo nacionalista, obras que solo pueden interpretar manos expertas debido a su dificultad técnica.

De las propias palabras del autor extraídas de su correspondencia con Felipe Pedrell se deduce que deseaba “pintar” con música cuadros, paisajes y ambientes de su tierra natal, tierra a la que no volvió porque Oporto fue su última morada.

Palavras-chave: Blanco; virtuosismo; piano; Oporto; composición.

Nota biográfica de **Raquel del Val Serrano**

La pianista y musicóloga Raquel del Val es conocida por sus conciertos, conferencias e intervenciones en RNE y TV, sus Master Class impartidas en Manhattan School of Music de Nueva York, y discos; ha sido portada de la Revista Ritmo y colaboradora de investigación. Ofrece conciertos en St. James Piccadilly en Londres en el Festival Ilams International. Como musicóloga ha revisado toda la obra de Joaquín Larregla por encargo del Maestro Moreno-Torroba Larregla, y ha publicado el legado de Antonio José Martínez Palacios y del hispano luso Pedro Blanco, siendo reconocida por el Pleno del Consell Valencià de Cultura como única investigadora de la compositora Lola Vitoria. Es titulada Superior en Piano y Música de Cámara, Licenciada en Derecho y Máster en Investigación Musical por la VIU, Doctorando en Musicología en la UR y miembro de la Sociedad Española de Musicología y de la M.I. Academia de la Música Valenciana.

Mosteiro de Santa Clara

Visita guiada: *Património em Santa Clara do Porto***Ana Cristina Sousa (FLUP/DCTP-CITCEM) /Anastasia Sazontieva (FLUP-UPorto)****Resumo**

Os conventos e mosteiros sempre desempenharam um papel importante na vida musical em Portugal, sendo verdadeiros centros de música vocal e instrumental religiosa. A música acompanhava o dia-a-dia das monjas. Os conventos e mosteiros eram centros de produção de livros de música sacra de uma altíssima qualidade artística, especialmente antifonários, que circulavam pelas ordens religiosas. Algumas das freiras, cujos nomes chegaram aos nossos dias, foram excelentes cantoras e vários compositores dedicaram-lhes as suas obras. Outras concentraram-se mais na prática instrumental, tocando vários instrumentos: harpa, baixo, rabecão, trombeta, viola de arco, entre outros. Encontram-se registos de cravos, manicórdios e pianos. O Mosteiro de Santa Clara, enquanto casa religiosa feminina prestigiada destinada a mulheres da nobreza, possuía uma riquíssima cultura musical. Neste ambiente, o órgão de tubos, considerado enquanto instrumento divino indispensável do culto religioso católico, integra-se harmoniosamente nas celebrações litúrgicas e na educação musical.

Notas biográficas de Ana Cristina Sousa e Anastasia Sazontieva

Ana Cristina Sousa é Professora Associada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na área científica de História da Arte, e Diretora do Departamento de Estudos do Património. É investigadora integrada do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”) /FLUP – grupo de trabalho “Património Material e Imaterial”, membro do GREC - Núcleo de Pesquisa dos Ex-votos (NPE) [Ex-votos Research Group] da Universidade Federal da Bahia (Brasil) e do grupo de investigação “Communities, Representations, Cultural Intersections” da Universidade de Bucareste. Desenvolve investigação e tem publicado nas seguintes áreas do conhecimento: Estudos da Imagem, Ex-votos, Artes Aplicadas, em particular Metais (técnicas, formas e ornamento), Arte Medieval e Moderna. Coordenou a Candidatura da Filigrana de Gondomar ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (classificada a 10.10.2023).

Anastasia Sazontieva Licenciada em História da Arte e Crítica de Arte, Universidade Estatal de Moscovo; Licenciada em Música e Pedagogia – ramo de

flauta transversal e piano, Instituto Superior de Música e Pedagogia de Moscovo; Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal; Estudante do 3.º ciclo em Estudos do Património na mesma instituição, sob orientação da Professora Doutora Ana Cristina Sousa e da Professora Doutora Sónia Maria da Silva Duarte. Premiada como autora do melhor trabalho de mestrado em 2022/2023 pela Associação Portuguesa de Historiadores de Arte (APHA).

Concerto comentado de órgão

Ángel Justo-Estebanz (Universidad de Sevilla)

I

<i>Salmo 100</i>	Anónimo holandés (s. XVII)
<i>Pavana</i>	A. Mudarra (1510-1580)
<i>Ave Maris Stella</i>	F. Hernández Palero (+1597)
<i>Canção a 4 glosada</i>	A. Carreira (ca. 1520/30- ca. 1597)
<i>Diferencias sobre Guárdame las Vacas</i>	A. de Cabezón (1510-1566)
<i>Toccata</i>	Frei Jacinto do Sacramento (1712-1780)

II

<i>Segundo tento do mesmo tom</i>	M. Rodrigues Coelho (1555-1635)
<i>Tiento de quinto tono de mano izquierda</i>	P. Bruna (1611-1679)
<i>Tiento V</i>	F. Correa de Arauxo (1584-1654)
<i>Toccata</i>	C. Seixas (1704-1742)
<i>Obra de primeiro tom sobre a Salve Regina</i>	P. de Araújo (ca. 1640-ca. 1705)
<i>Primer tiento de primer tono</i>	A. de Sola (1634-1696)
<i>Tiento de Pange lingua, punto alto</i>	J. Cabanilles (1644-1712)

Nota biográfica de Ángel Justo-Estebanz

Doctor en Historia del Arte, Profesor Titular de Universidad en el Departamento de Historia del Arte y Director del SGI Fototeca-Laboratorio de Arte de la Universidad de Sevilla. Es Académico correspondiente de la Academia Ecuatoriana de Historia Eclesiástica. Organista titular de la Iglesia Parroquial de Santa Cruz de Sevilla. Título Superior de Música en la especialidad de Órgano por el Conservatorio Superior de Música “Manuel Castillo” de Sevilla (Matrícula de Honor y Premio Extraordinario de Fin de Carrera, y otros premios en interpretación e investigación). Autor de diversas publicaciones sobre Historia del órgano, habiendo participado en dos Proyectos nacionales de I+D+i sobre órganos históricos, su conservación y restauración. Ha ofrecido numerosos

concertos en España y en el extranjero (Ecuador, Polonia, Alemania, Suiza, Austria, Colombia y Portugal). Ha actuado con diversas agrupaciones instrumentales y vocales (Coro "Manuel de Falla" de Sevilla, Coro Académico del Conservatorio Superior de Música "Manuel Castillo" de Sevilla, Coro de Cámara de Sevilla, Coro de la Universidad de Jaén y Escolanía de la S. I. Catedral de Jaén), y participado como solista con la Orquesta Nacional del Ecuador, Orquesta de cuerda del Conservatorio Superior de Sevilla; Orquesta de Cámara Andaluza; Orquesta de Ceuta y Capilla Musical de la Catedral de Jerez. Coordinador del Ciclo de Conferencias y Conciertos de Órgano del Centro de Iniciativas Culturales de la Universidad de Sevilla.

Sábado, 5 de julho de 2025

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Conferência

O Património Literario Galego e a Música: dos Trovadores a Novoneyra

Keynote Uxío Novo (ACAMFE/Universitat de Barcelona)

Uxío Novo Rey (ACAMFE/Universitat de Barcelona)

Resumo: O património literário galego manifesta uma intrínseca interconexão com a música, formando uma tradição cultural que transita dos trovadores medievais às expressões mais contemporâneas. Este percurso histórico-cultural evidencia como a palavra poética, quando musicada, transcende a dimensão escrita, integrando-se no imaginário coletivo e ampliando sua relevância simbólica e social.

A análise inicia-se com o esplendor trovadoresco da Idade Média, quando a lírica galego-portuguesa emerge como um dos maiores legados culturais da Europa medieval, influenciando tanto o cânone literário quanto o musical. No período moderno, a literatura galega vive um ressurgimento marcante no "Rexurdimento", com figuras como Rosalía de Castro e Eduardo Pondal, cujas obras reforçam a identidade nacional através de uma ligação intrínseca à música. Este percurso culmina em autores contemporâneos como Uxío Novoneyra, cuja poesia revela uma musicalidade que transcende o texto, dialogando com a tradição oral e sonora da Galiza.

Além disso, o papel da oralidade e da musicalização na preservação e ressignificação da identidade galega será analisado à luz de exemplos

concretos, como as cantigas medievais e as adaptações musicais contemporâneas de poemas. Estes casos ilustram como a música não apenas acompanha a literatura, mas a amplifica enquanto ferramenta patrimonial que conecta gerações e promove um valor identitário dinâmico e coletivo. Por fim, a reflexão propõe compreender como estas práticas literário-musicais contribuem para a institucionalização simbólica da cultura galega, reafirmando sua condição patrimonial e articulando uma identidade coletiva através da memória e da criação cultural.

Nota biográfica de Uxío Novo Rey

Uxío Novo Rey é Presidente da Asociación Ibérica de Casas-Museo e Fundacións Literarias (ACAMFE), secretário fundador da Fundación Uxío Novoneyra e filho do poeta que dá nome à instituição. Politólogo formado pela Universidade de Santiago de Compostela, é Mestre em União Europeia pelas Universidades da Corunha e de Lovaina, e possui um Diploma de Estudos Avançados (DEA) em Processos Políticos Contemporâneos pela USC. Atualmente, além de ser sócio de diversas empresas culturais, atua como investigador pré-doutoral em Sociologia da Cultura, integrando os grupos de pesquisa CECUPS de Políticas Culturais da Universidade de Barcelona, GET de Estudos Territoriais e OLG do Livro Galego da Universidade da Corunha. A sua investigação concentra-se na axiologia da cultura, com foco nos processos patrimoniais e na extitucionalização de comunidades políticas a partir da produção cultural. Uxío explora como a cultura, em particular nos contextos literário e musical, se torna um instrumento essencial para a construção simbólica de comunidades e a preservação da memória coletiva. Com mais de uma década de experiência na coordenação de projetos culturais europeus, Uxío tem liderado iniciativas emblemáticas no âmbito dos programas Creative Europe e Erasmus+, sendo um dos principais promotores da internacionalização da cultura galega. Destaca-se pelo seu compromisso com a inovação nos setores culturais e criativos, promovendo estratégias inclusivas que valorizam territórios rurais e periféricos.

Mesa 5. Memórias de interpretações musicais

Moderação: Ricardo Vilares (CITCEM/FLUP)

De Torre de S. Sebastião a Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais: instrumentos, práticas e vivências musicais

Maria Cristina Gonçalves e Ana Vanessa Rodrigues (Museu Condes de Castro Guimarães)

Resumo: Deve-se a Jorge O'Neill (1848 – 1925), um aristocrata e financeiro de ascendência irlandesa, a construção da “Torre de S. Sebastião”, na enseada de Santa Marta, à saída de Cascais, entre 1897 e 1900, para residência de vilegiatura da sua família. O edifício surpreende pelo acentuado ecletismo. anuel de Castro Guimarães (1858-1927), o segundo proprietário da casa, era sócio e amigo de Jorge O'Neill. Advogado e banqueiro influente na sociedade do final da monarquia, notabilizou-se também como bibliófilo, organista amador, compositor e desportista. Após a morte da mulher, e sem descendência, o conde legou em testamento (1924) à vila de Cascais a casa e todo o seu recheio artístico e bibliográfico, para aí se constituir um museu municipal e biblioteca pública.

O Museu foi inaugurado em 1931, apresentando coleções marcadas pelo gosto dos antigos proprietários e testemunho de diferentes períodos artísticos. Ao longo do tempo, o núcleo original foi sendo completado, através de novas aquisições e da incorporação de outras doações. A apresentação museológica articula-se com os espaços arquitetónicos e evoca as ambiências de uma casa aristocrática.

Nesta comunicação, serão abordadas as vivências dos habitantes da Torre de S. Sebastião, entre 1897 e 1927, nomeadamente a paixão pela música de Manuel de Castro Guimarães, que elevou o teto da sala principal para aí instalar o grande órgão construído em 1912 por Augusto Joaquim Claro, onde interpretava obras para deleite da população local que o vinha ouvir através das janelas abertas, assim como a relevância desta tradição durante os quase 94 anos de existência do Museu-Biblioteca. Desde o projeto Uma Hora de Música, que consistia na realização de concertos dominicais, realizado entre 1931 e 1933 pelo maestro Francisco de Lacerda, passando pelos Cursos Musicais Internacionais de Férias, promovidos a partir de 1962 pela Junta de Turismo da Costa do Sol, até à programação atual, a música sempre se fez ouvir nesta casa-museu.

Palavras-chave: casas-museu; “instrumentos musicais”; vivências.

Notas biográficas de Maria Cristina Gonçalves e Ana Vanessa Rodrigues

Maria Cristina Gonçalves, licenciada em História e pós-graduada em Património e Museologia, iniciou o percurso profissional no Palácio da Pena, em 1988, no âmbito da investigação sobre as vivências da família real portuguesa. Em 1993,

ingressou no quadro da Direção Regional da Cultura dos Açores, onde participou na coordenação da rede regional de museus, acompanhando a renovação ou criação de novos museus e a formação profissional das respetivas equipas. Transitou, em 2006, para a Câmara Municipal de Cascais e integrou a equipa do Museu Condes de Castro Guimarães, na área do inventário e estudo das coleções, participando na programação de exposições e outras atividades. Assume, desde 2019, a coordenação técnica do museu.

Ana Vanessa Rodrigues, licenciada em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar, é, atualmente, Doutoranda em História da Arte pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde desenvolve a tese "O Azul como Cor de Revestimento nos Edifícios Setecentistas".

O que mais há a dizer de importante sobre a violoncelista Guilhermina Suggia?

Filipa Monteiro e Francisco Ferreira (FLUP-UPorto)

Resumo: A violoncelista Guilhermina Suggia estudada por diversos autores, constitui um tema que apresenta dificuldades devido à aparente impossibilidade da novidade, pelo que nos motivou a visitar toda a vivência da artista através da pesquisa de trabalhos sobre a sua vida e obra, para num confronto de referências, criar novas matérias, construir uma nova narrativa, mapeada a partir desse universo multifacetado de permanente inspiração. Dos salões londrinos aos grandes palcos europeus, numa época em que o violoncelo não era considerado a ser tocado por uma mulher, Suggia, sedimentou na casa da rua da Alegria nº665, no Porto, em plenos anos 20, a assunção plena do seu legado enquanto violoncelista. Foi neste local que desenvolveu o seu atelier, criou as suas salas de aulas, orientou alunos e artistas, e muitas das vezes, senão mesmo a maior parte das vezes, fez da sua casa o palco para os seus concertos intimistas, fossem para os seus familiares ou para os amigos que recebia com frequência. Assim, este local constitui um espaço de aprendizagem, de criação e de partilha, onde a arquitetura convoca o efémero. No entanto, o percurso artístico de Suggia parece socorrer-se de todos os sentidos para criar uma obra que reclama no e pelo violoncelo, a absoluta liberdade da artista. Suggia demonstrou ter um gosto refinado, ser caprichosa nos pormenores, cultivou uma imagem glamorosa, no seu percurso, ímpar, celebrou-se ao som dos mais importantes aplausos, quer nacionais quer internacionais, cuja inscrição na história da música se cruza com a história da arte, recorrendo a suportes e

referenciais diversos, mas onde a música, protagonizada pelo violoncelo, foi sempre indissociável do seu corpo. Atendendo à obra de Suggia, o seu local onde desenvolveu grande parte do legado, deverá ser preservado, não só para homenagem, mas divulgação e preservação do património cultural.

Palavras-chave: Casa; Guilhermina Suggia; Memória; Música; Violoncelo.

Notas biográficas de Filipa Monteiro e Francisco Ferreira

Francisco Ferreira – Vivo e trabalho no Porto. Com formação em Estudos Artísticos e Culturais pela Faculdade de Filosofia de Braga, neste momento estou a complementar a formação em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tenho desenvolvido ao longo dos anos diferentes atividades no campo artístico e cultural, no que toca à curadoria, organização e produção.

Filipa Isabel Monteiro – Sou originária de Viseu, formada no ensino artístico especializado em Dança e atualmente finalista da Licenciatura de História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sendo o último semestre estudado na Universidad de Zaragoza. Procuo aprofundar no meio da investigação das artes cénicas, nomeadamente a dança, participando assim em encontros onde se possa partilhar estudos sobre o mundo da dança, teatro e música.

Ecos Visuais: As Fotografias das Irmãs Sá Costa e a Construção da Memória Musical

Cláudia Pimentel (FLUP-UPorto)

Resumo: O presente artigo explora de que modo as fotografias de Madalena e Helena Sá Costa, proeminentes musicistas do século XX, funcionam como "ecos visuais" na construção e preservação de memórias musicais. Com base na análise da cultura visual e na investigação de arquivo, analisa como estas imagens, para além da mera documentação, contribuem para a compreensão do seu legado musical.

Leituras atentas de retratos formais, contextualizados nos espaços artísticos e domésticos das irmãs, revelam a projeção de um refinado talento musical. A análise de fotografias de atuações, referentes a locais e eventos musicais específicos, destaca o seu papel no estabelecimento de um cânone musical. Esta abordagem, examinando a interação entre imagem, contexto e narrativa musical, constrói um "palácio de memória visual" alicerçado na sua experiência musical.

Uma perspetiva feminista realça como estas imagens desafiam os estereótipos de género, retratando a independência profissional das irmãs e inspirando aspirantes a musicistas. A análise do contexto histórico, considerando o panorama cultural mais amplo, revela como o seu reconhecimento internacional enfatiza o seu duradouro legado musical.

Estudos de receção contemporânea, focando-se em como estas imagens evocam memórias musicais para o público moderno, demonstram o seu poder de ativar memórias das suas atuações e do panorama musical da sua época. As fotografias tornam-se "gatilhos sónicos", ligando passado e presente.

Este estudo argumenta que as fotografias das irmãs Sá Costa constroem e preservam ativamente a memória musical, tornando-se parte integrante da compreensão das suas contribuições artísticas. O seu legado visual, um testemunho do poder artístico, continua a informar e a inspirar, moldando a nossa compreensão da sua identidade musical e do papel da fotografia na documentação de experiências musicais.

Palavras-chave: fotografia; Irmãs Sá e Costa; legado visual; memória; música.

Nota biográfica de **Cláudia Pimentel**

Cláudia Pimentel é doutoranda na Universidade do Porto, em Portugal, dedicando-se atualmente à investigação em Fotografia e Catástrofe. Possui duas licenciaturas, Medicina e História da Arte, tendo decidido prosseguir os seus estudos com o objetivo de contribuir para a aproximação entre as Artes e a Medicina. É pós-graduada em Medicina Chinesa e em Medicina Integrativa, tendo também frequentado o Mestrado em Saúde Pública e a Licenciatura em Ciências da Linguagem. É docente convidada na FPCEUP (para estudantes do 4.º ano de Psicologia) e na Academia Espregueira Mendes (cursos de Acupuntura/Dor). Exerceu funções como Médica de Família no Instituto CUF Porto de 2007 até 2024. Atualmente, reside e trabalha na Arábia Saudita, uma oportunidade extraordinária para consolidar e expandir os seus conhecimentos.

Mesa 6. Olhar para além da Europa

Moderação: Hugo Barreira (FLUP-DCTP/CITCEM – Universidade do Porto)

Os hinos patrióticos portugueses no contexto expedicionário em África nos finais de oitocentos

Filipe Mesquita Oliveira (CESEM/UÉvora)

Resumo: O contexto laudatório e celebratório de muitas formas e géneros musicais tem sido uma constante ao longo da história. No que respeita ao hino, desde as celebrações confessionais que pautaram a sua evolução, de que destacamos, a título de exemplo, o Te Deum na centúria setecentista, até ao Liberalismo oitocentista, este género musical tornou-se o veículo emotivo e ideologicamente comprometido da celebração de muitos eventos revolucionários, políticos e patrióticos. É um facto que, no quadro da agitação política que marcou todo o século XIX português, o hino veio a assumir gradualmente um papel de grande simbolismo na partilha e defesa, ora de opções políticas, ora de eventos militares, ora na celebração de datas históricas. No quadro do ambiente de Nacionalismo e Imperialismo que se viveu em Portugal na década de 90 de oitocentos, seleccionámos uma série de hinos e marchas militares para o nosso estudo, a partir dos trabalhos existentes neste domínio, com particular destaque para os estudos e levantamentos de repertório realizados por Pedro Marquês de Sousa. A presente comunicação circunscreve-se aos hinos surgidos no âmbito da Expedição Africana de 1895, impulsionada por António Enes, reveladora do quadro patriótico, nacionalista e colonialista que então se viveu, visando responder à humilhação do Ultimato Britânico de 1890. Os hinos em causa, homenageando o Coronel Galhardo, as forças expedicionárias de 1895, as memórias de ilustres figuras históricas como o Infante D. Henrique e pronunciando-se contra a humilhação sofrida, são devidamente enquadrados no presente estudo, nas perspectivas, simultaneamente, histórica, política e musical. Nomes como os de Alfredo Keil, Gomes Leal, Lopes de Mendonça, Augusto Machado e Müller Junior são assim evocados e contextualizados, em prol do alargamento dos horizontes do nosso conhecimento relativamente às devidas posturas musicais e poéticas no quadro político-militar da altura.

Palavras-chave: Hino político; música militar; Alfredo Keil; Müller Junior; Expedição Africana de 1895.

Nota biográfica de Filipe Mesquita Oliveira

Filipe Mesquita de Oliveira, doutorado em Musicologia Histórica, é Professor Auxiliar da Universidade de Évora, tendo integrado a equipa do Projeto PASEV - Patrimonialização da paisagem sonora de Évora (Évora Soundscapes) 1540 – 1910 (PTDC/ART-PER/28584/2017). Publicou vários estudos, dos quais se destacam “As obras de Teodósio Augusto Ferreira no contexto do panorama musical eborense do derradeiro quartel de oitocentos” (Lisboa: Húmus, 2021) e “Os hinos e a música comemorativa no contexto das celebrações do 1o de

Dezembro em Évora na segunda metade de oitocentos” (Lisboa: Urutau, 2024). O seu domínio de especialização foi a música instrumental de tecla ibérica dos séculos XVI e XVII. Actualmente desenvolve trabalho em torno da música instrumental portuguesa no período final do Antigo Regime, integrando o Grupo de Investigação do CESEM - GMPM (Grupo de Música do Período Moderno), no qual investiga o repertório português de âmbito político-militar de finais de oitocentos.

Canções e Imagem em Movimento na China Comunista (1935-1976)

Beatriz Silva (CESEM/NOVA-FCSH)

Resumo: Ao longo da evolução do cinema revolucionário chinês, a inclusão de música cantada revelou-se um fator determinante na atratividade de determinadas obras, influenciando as preferências das audiências, expectantes da sua presença nas novas produções. Reconhecendo o seu potencial expressivo e mobilizador, as autoridades culturais afetas ao Partido Comunista Chinês incorporaram a música como um recurso estratégico, reforçando a sua função na estruturação e interpretação das narrativas fílmicas.

Neste contexto, o presente estudo tem como objetivo principal examinar as funções desempenhadas pela música cantada – nomeadamente, pelas canções revolucionárias – no cinema revolucionário chinês entre as décadas de 1930 e 1970. Através da análise iconográfica de seis filmes pertencentes à Coleção Kwok On, da Fundação Oriente, procura-se a reflexão em torno do contributo destas canções para a construção discursiva das narrativas cinematográficas e para a assimilação e difusão dos ideais preconizados por Mao Zedong e pelo Partido Comunista Chinês. Argumenta-se que, além de delimitadoras da ação e do tempo da história do ponto de vista comunista, as canções revolucionárias para cinema personificam o Partido através das personagens principais, descrevendo a realidade do povo e evocando, através de fenómenos de transportação e transporte, normas e códigos de conduta a serem interiorizados pelos espectadores.

No âmbito da análise das memórias da música, a investigação do papel das canções no cinema revolucionário chinês, ainda pouco explorada pela academia, assume particular relevância. A desconstrução dos processos de significação de música e imagem permite identificar os mecanismos de criação e manipulação de associações geradoras dessas mesmas memórias, fundamentais

para a modelação das estruturas de sentimento das massas em contexto político.

Palavras-chave: Canções Revolucionárias; Cinema; China Comunista; Propaganda.

Nota biográfica de **Beatriz Silva**

Beatriz Silva é doutorada em Estudos Artísticos - Arte e Mediações pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com projeto de investigação dedicado ao estudo do papel de canções e óperas revolucionárias na disseminação do Comunismo na China de Mao Zedong. É, atualmente, investigadora do Centro de Estudos em Música (CESEM), integrando o Grupo de Música no Período Moderno e a Linha Temática de Iconografia Musical.

Momento musical

I. Adagio (Lá Maior) – Allegro vivace (Lá menor), Quarteto de Cordas N° 2 em Lá menor, Op. 13. Felix Mendelssohn

Quarteto Metamorfose (Pedro Rebelo, João Sá, Djonathan Silva, Carolina Costa)

Nota biográfica **Quarteto Metamorfose**

O Quarteto Metamorfose, constituído por Pedro Rebelo (1º violino), João Sá (2º violino), Djonathan Silva (viola d'arco) e Carolina Costa (violoncelo), foi formado em setembro de 2022 na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto.

O grupo foi orientado por Vítor Vieira, 1º violino do Quarteto de Cordas de Matosinhos, um dos grupos de música de câmara mais ativos e estabelecidos do país. Tiveram também a oportunidade de trabalhar com os professores Anaïs Tamisier, Johannes Meissl, Marek Spzakiewich, Ole Bohn, Peter Schuhmayer e Wolfgang Klos.

Em 2023 foram premiados com o 2º prémio do nível superior na VI Edição do Concurso Nacional de Música Gilberta Paiva. Participaram também na edição de 2023 do Showcase@Fundão da Artway, onde foram vencedores do prémio do público, prémio que considera os membros do Quarteto artistas emergentes da Artway. Em dezembro de 2023 apresentaram-se no ciclo de "Concertos no Natal" do Município de Ílhavo, a convite da Artway. Foram também convidados a abertura do Festival Convimus em julho de 2023 e selecionados para integrar

a Temporada de Música de Câmara Jovem da APAM no O'culto da Ajuda em parceria com a Miso Music Portugal (2024), onde tiveram a oportunidade de fazer a estreia absoluta de uma obra dedicada ao Quarteto do jovem compositor Tiago Quintas. Foram premiados com o 2º prémio ex-aequo no Concurso de Música de Câmara (Nível Superior) do Festival Internacional de Música Convimus (2024). Em setembro de 2024 colaboraram com o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) num concerto conjunto, no âmbito de uma iniciativa do QCM para promover jovens quartetos de cordas.

Começaram em dezembro de 2024 uma colaboração com o clarinetista Frederic Cardoso, no âmbito da qual estrearam em concerto obras escritas para clarinete baixo e quarteto de cordas de compositores portugueses e brasileiros. Está prevista para 2025 a gravação destas obras em disco.